

rev. 955 A.

BRASIL-PORTUGAL

FUNDADOR — **Augusto de Castilho.**
DIRECTORES — **Jayme Victor, Lorjô Tavares e João de Vasconcellos.**
COLLABORADORES EFFECTIVOS — Padre Alvares de Almeida.
Dr. Antonio do Valle e Sousa.
Conde da Esperança.
E. Severim de Azevedo (Crispim).
Ferreira Mendes
D. Jorge de Menezes.
J. Nunes de Freitas.
Luiz Trigueiros.
D. Maria O'Neill.

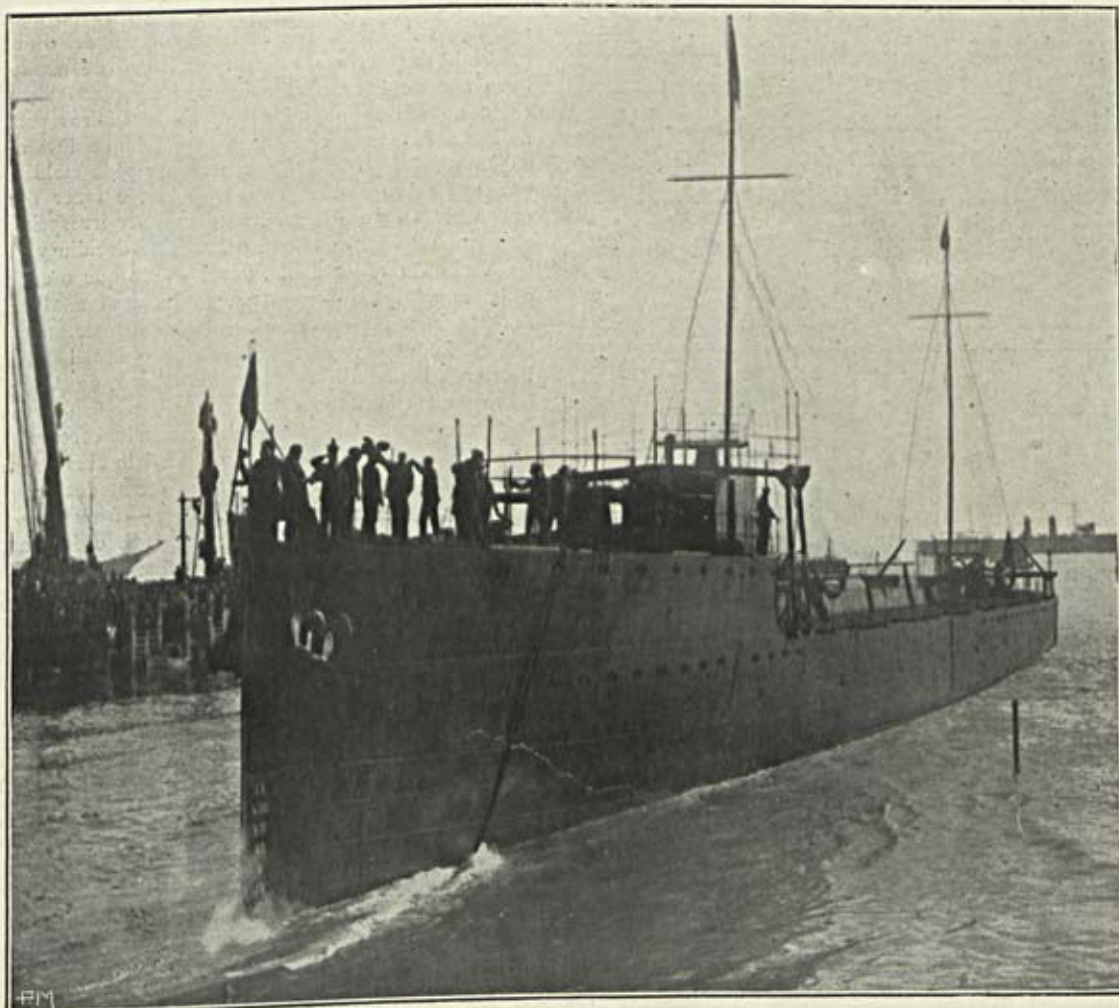
CHEFE DO ESCRITORIO — **J. Nunes de Freitas.**
PROPRIETARIA — A empresa do **Brasil-Portugal.**
EDITOR — Carlos Abreu.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuario Commercial.

1 DE FEVEREIRO DE 1913

N.º 337

Assumptos de marinha

Marinha de guerra portugueza



O novo «destroyer» «Douro»

(Phot. de ■■■)

O «destroyer» «Douro» foi lançado á agua no dia 22 do meç finio. Tem 240 pés de comprimento e 24 de largura; desloca 670 toneladas e a sua imersão maxima é de 7 pés. A sua machina tem a força de 11:000 cavallos e a sua velocidade está calculada em 27 nós por hora. O armamento consta de uma peça de 100^{mm} sobre o castello, e 2 peças de 76^{mm}, uma a meia nau e outra á ré, e 2 tubos lança torpedos de 18 pollegadas.

14 annos de publicação

Entra hoje no seu 15.º anno de existencia o **Brasil-Portugal**, o que para esta Empreza constitue motivo de sincero regosijo.

Aos seus leitores e assignantes, muitos dos quaes nos teem acompanhado desde a primitiva, agradece esta Revista a acceitação carinhosa que lhe teem dispensado, acceitação que ao mesmo tempo significa a justiça feita ao exacto cumprimento do programma que nos impozemos desde o primeiro numero d'esta publicação.

Conta esta Revista numerosos amigos entre os portuguezes que vivem na Africa e no Brasil o que para nós se impõe como um dever, que gostosamente cumprimos, de lhes enviar d'aqui as nossas mais calorosas saudações.

A todos o **Brasil-Portugal** garante que continuará a manter o seu character bem portuguez e bem patriótico, pugnando pelas crenças e tradições do paiz e archivando nas suas paginas tudo quanto mais grato possa ser áquelles que o distinguem com o seu affecto e com a sua collaboração. D'esta forma e com o auxilio de Deus o **Brasil-Portugal** continuará a cumprir a sua missão e assim espera bem merecer do publico em geral.

A EMPREZA.

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de fevereiro de 1913

Dando-lhe o nosso logar de honra a que tem direito o grande nome de Eça de Queiroz, transcrevemos, com a devida venia, d'A *Epoca*, do Rio de Janeiro, a seguinte prophécia do notavel escriptor portuguez:

A restauração da monarchia no Brasil

Uma prophécia de Eça de Queiroz

Em carta dirigida a Eduardo Prado, em 1888, o grande escriptor prediz o advento da Republica no Brasil e a restauração do regimen imperial.

Agora que se volta a fallar na restauração da monarchia no Brasil, com calor, enthusiasmo e esperanças que dia a dia crescem com os erros e os crimes da Republica; agora, que aos nomes respeitaveis dos que se conservam fieis ao regimen decahido se vêm juntar os de personalidades por todos os titulos dignos de consideração, vem a proposito a carta

que o extraordinario Eça de Queiroz endereçou de Paris, a Eduardo Prado, um anno antes da proclamação da Republica e na qual, depois de dar as suas impressões sobre o nosso paiz, prophetisa a quèda da Monarchia e a volta das instituições derubadas em 1889.

Essa carta, que faz parte da «*Correspondencia de Fradique Mendes*» mas não apparece na collecção publicada sob esse titulo, vem nas *Ultimas paginas*, denominação escolhida para o volume em que se encontram os manuscritos ineditos do grande prosador, dados á estampa no anno corrente.

E' esta a carta:

«Meu caro Prado.

A sua tão excellente carta foi recebida no devoto dia de S. João, n'este fresco refugio d'arvoredos e fontes, onde estou repousando dos sombrios esplendores da Amazonia, e da fadiga das aguas Atlanticas.

Não esquecerei as queijadas da Sapa; Ficalho que aqui jantou e philosophou hontem *sub tegmine fagi*, recebeu das minhas mãos o exacto estudo e as estampas do seu compatriota sobre a *Mucuna Glabra*; os dois vasos do Rato, com a cruz d'Aviz, partem domingo, e Deus lhe faça abundar dentro d'elles, sempre renovadas e frescas, essas *rosas da vida* que Anacreonte promette aos justos. Tudo isto foi facil e de amavel trabalho. Mais duro e complicado é que eu lhe dê (como v. reclama tão azafamadamente) a minha opinião sobre o seu Brasil... E v. menos sceptico que Pilatus, sobre a Verdade, a nua Verdade, sem *chauvinismos* e sem enfeites... Onde a tenho eu a Verdade? Não é, infelizmente, na quinta de Saragoça que se esconde sob o cypreste e o louro, o poço divino onde ella habita. Só lhe posso comunicar uma impressão d'homem, que passou e olhou. E a minha impressão é que os brasileiros, desde o Imperador ao trabalhador, andam a desfazer e, portanto, a estragar o Brasil.

Nos comços do seculo, ha uns 55 ou 60 annos, os brasileiros, livres dos seus dois males de mocidade, o ouro e o regimen colonial, tiveram um momento unico, e de maravilhosa firmeza. Povo curado, livre, forte, de novo em pleno viço, com tudo por crear no seu meio esplendido, os brasileiros podiam, n'esse dia radiante, fundar a civilisação especial que lhes appetecesse, com o pleno desafogo com que um artista pôde moldar o barro inerte que tem sobre a tripeça de trabalho, e fazer d'elle, á vontade, uma vasilha ou um Deus. Não desejo ser irrespeitoso, caro Prado; mas tenho a impressão que o Brasil se decidiu pela vasilha.

Tudo em redor d'elle, desde o Céu que o cobre á indole que o governava, tudo patentemente indicava ao brasileiro que elle devia ser um povo rural. Não se assuste, meu civilisadissimo amigo. Eu não quero significar que o Brasil devesse continuar o Patriarchalismo d'Abrahão e do Livro de Genesis, reproduzir Chanaan em Minas Geraes, e pastorear o gado em torno das tendas, vestido de pelles, em controversia constante com Jehovah. Menos ainda que se adoptasse o modelo arcadico, e que todos os cidadãos fossem Tityros e Marilias recostados sob a copa da faia, tangendo a frauta dos Eclogas. Não; — o que eu queria é que o Brasil, desembaraçado do ouro immoral, e do seu D. João VI, se installasse nos seus vastos campos, e ahi quietamente deixasse que dentro da sua larga vida rural e sob a inspiração d'ella, lhe fossem nascendo, com viçosa e pura originalidade, idéas, sentimentos, costumes, uma litteratura, uma arte, uma ethica, uma philosophia, toda uma civilisação harmonica e propria, só brasileira, só do Brasil, sem nada dever aos livros, ás modas, aos habitos importados da Europa. O que eu queria (e o que constituiria uma força util no Universo) era um Brasil natural, espontaneo, genuino, um Brasil nacional, brasileiro, e não esse Brasil, que eu vi, feito com velhos pedaços d'Europa, levados pelo paquete, e arrumados á pressa, como pannos de feira, entre uma natureza incongenere, que lhes faz resaltar mais o bolor e as nodoas.

Eis o que eu queria, dilecto amigo! E considere agora como seria deliciosamente habitavel um Brasil brasileiro! Por toda a parte ricas e vastas fazendas, casas simples, caiadas de branco, bellas só pelo luxo do espaço, do ar, das aguas, das sombras. Largas familias, onde a pratica das lavouras, da caça, dos fortes exercicios, desenvolvendo a robustez aperfeiçoaria a belleza. Um viver frugal e são, de idéas claras e simples; uma grande quietação d'alma; desconhecimentos das falsas vaidades; affeições sérias e perduraveis.

Mas, justos Céos! estou refazendo o livro II das *Georgicas!* *Hanc olim veteres vitam coluere Sabini...* Assim vieram os velhos Sabinos; assim Romulo e Remo; assim cresceu a valente Etruria; assim, Roma pulcherima, abrangendo sete montes se tornou a ma-

ravilha do mundo. Não exijo para o Brasil as virtudes aureas e classicas da Edade de Saturno. Só quereria que elle vivesse d'uma vida simples, forte, original, como viveu a outra metade da America, a America do Norte, antes do Industrialismo, do Mercantilismo, do Capitalismo, do Dollarismo, e todos esses *ismos* sociaes que hoje a mirram, a tornam tão tumultuosa e rude — quando os colonos eram puritanos e graves; quando a charrúa ennobrece; quando a instrucção e a educação residiam entre os homens da lavoura; quando poetas e moralistas habitavam casas de madeira que as suas mãos construíam; quando grandes medicos percorriam a cavallo as terras levando familiarmente a pharmacia nas bolsas largas da sella; quando governadores e presidente da Republica sahiam de humildes granjas; quando as mulheres teciam os linhos dos seus bragaes e os tapetes das suas vivendas; quando a singeleza das maneiras vinha da candidez dos corações, quando os lavradores formavam uma classe que, pela virtude, pelo saber, pela intelligencia, podia occupar nobremente todos os cargos do Estado; e quando a nova America espantava o mundo pela sua originalidade, forte e fecunda.

— Pois bem, caro amigo! em vez de terem escolhido esta existencia, que daria ao Brasil uma civilização sua, propria, genuina, de admiravel solidez e belleza — que fizeram os brasileiros? Apenas as naus do Senhor D. João VI se haviam sumido nas nevoas atlanticas, os brasileiros, senhores do Brasil, abandonaram os campos, correram a apinhar-se nas cidades e romperam a copiar tumultuariamente a nossa civilização européa no que ella tinha de mais vistoso e copiavel. Em breve o Brasil ficou coberto de instituições alheias, quasi contrarias á sua indole e ao seu destino, traduzidas á pressa de velhos compendios francezes. O Jornal, o

Já nas casas não havia uma honesta cadeira de palhinha, onde ao fim do dia, o corpo encontrasse repouso e frescura: e começavam os damascos de côres fortes, os moveis de pés dourados, os reposteiros de grossas borlas, todo o pesadume de decoração estofada com que Paris e Londres se defendem da neve, e onde triumpho o Microbio. Immediatamente alastraram as doenças das velhas civilizações, as tuberculosas, as infeções, as dispepsias, as nevroses, toda uma surda deterioração da raça. E o Brasil radiante — porque se ia tornando tão enfesado como a Europa, que tem tres mil annos de excessos, e outros tres mil annos de ceias e de revoluções.

No entanto já possuia a Democracia, o Industrialismo, a Sociedade por acções, todo o delirio das suas fórmulas infinitas, a luz electrica, o «resumo francez» sob as marcas principaes do «Champagne» e do Romance. Estava maduro para os maiores requintes, e mandou então vir pelo paquete o Positivismo e a Opera Buffa. Foi uma tremenda orgia: ensinou-se aos sabiás a gorgear *Madame Angot* e vendedores de retalhos citavam Augusto Comte...

Para que prolongar o inventario doloroso? Bem cedo, do Brasil, do generoso e velho Brasil, nada restou: nem sequer brasileiros, porque só havia doutores — o que são entidades diferentes. A Nação inteira se doutorou. Do norte ao sul do Brasil, não ha, não encontrei senão doutores! Doutores com toda a sorte de insignias, em toda a sorte de funcções!!

Doutores, com uma espada, commandando soldados; doutores, com uma carteira, fundando bancos; doutores, com uma sonda, capitaneando navios; doutores, com um apito, dirigindo a policia; doutores, com uma lyra, soltando carmes; doutores, com um prumo, construindo edificios; doutores, com balanças, misturando

A conspiração monarchica



Transferencia de presos politicos da Trafaria para a Penitenciaria — A entrada da Penitenciaria
— Da esquerda para a direita: os srs. D. Vasco de Belmonte e D. Francisco de Mello e Costa (Ficalho)

(Phot. de ***)

Artigo de fundo, a balofa Rhetorica constitucional, a tyrannia da Opinião Publica, os descaros da Polemica, todas as intrigas da Politiquice, se tornaram logo males correntes.

Os velhos e simples costumes foram abandonados com desdem: cada homem procurou para a sua cabeça uma corôa de barão, e, com 17 grãos de calor á sombra, as senhoras começaram a derreter dentro dos gorgotões e dos velludos ricos.

drogas; doutores, sem coisa alguma, governando o Estado! Todos doutores. O dr. tenente-coronel... o dr. vice-almirante... o dr. chefe de policia... o dr. architecto... Homens intelligentes, instruidos, polidos, affaveis, — mas todos doutores! E este titulo não é inoffensivo: imprime character. Uma tão desproporcionada legião de doutores envolve todo o Brasil n'uma atmospheria de doutorice.

Ora, o feito especial da doutorice é desatender as realidades,

tudo conceber *à priori*, e querer organizar e reger o mundo pelas regras dos compendios. A sua expressão mais completa está n'esse

O naufragio do "Veronese"



A multidão assistindo aos salvamentos

O naufragio do «Veronese», nas costas de Portugal, proximo de Leixões, foi uma tragedia emocionante que durante muito tempo ha de ser lembrada pelo numero de victimas que causou, que muitos computam em quarenta, e talvez ainda mais pelos actos de bravura e de coragem a que deu lugar. O Porto escreveu mais uma bella pagina para accrescentar á sua brilhantissima historia e a gente da Povoação do Varzim honrou mais uma vez a sua fama de valentia e de abnegação. O pai orgulha-se de taes filhos, que assim souberam honrar Portugal perante o estrangeiro.

doutor, Ministro do Imperio, que em todas as questões publicas, nunca consultava as necessidades da Nação, mas folheava com anciedade os livros a procurar o que, em casos vagamente parecidos, Guizot fizera em França, Pitt em Inglaterra. São estes doutores, brasileiros de nacionalidade, mas não de nacionalismo, que cada dia mais desnacionalizam o Brasil, lhe matam a originalidade nativa, com a teima doutoral de moralmente e materialmente o enfardelarem n'uma fatiota europeia feita do Francesismo, com remendos de vago Inglezismo e vago Germanismo.

Assim, o livre genio da nação é constantemente falseado, torcido, contrariado na sua manifestação original — em tudo; em Politica, pelas doutrinas da Europa; em Litteratura, pelas escolas da Europa; na Sociedade, pelas modas da Europa.

A famosa carta de alforria, de 29 de agosto de 1825, não serviu ás intelligencias. Intellectualmente, o Brasil é ainda uma colonia — uma colonia do Boulevard. Letras, sciencias, costumes, instituições, nada d'isso é nacional; — tudo vem de fóra, em caixotes, pelo paquete de Bordéos, de sorte que esse mundo, que orgulhosamente se chama novo, o Novo Mundo, é na realidade um mundo velhissimo, e vincado de rugas, d'essas rugas doentias, que nos deram a nós vinte seculos de Litteratura.

Percorri todo o Brasil á procura do novo e só encontrei o velho, o que já é velho ha cem annos na nossa Europa. — as nossas velhas idéas, os nossos velhos habitos, ns nossas velhas fórmulas, e tudo mais velho gasto até ao fio, como inteiramente acabado pela viagem e pelo sol. Sabe o que me parecia (para resumir a minha impressão n'uma imagem material como recommenda Buffon)? Que por todo o Brasil se estendera um antigo e coçado tapete, feito com os remendos da civilização europeia, e recobrimdo o tapete natural e fresco das relvas e das flores do solo... Concebe v. maior horror? Sobre um jardim perfumado, em pleno viço, tudo tapar, tudo esmagar, rosas abertas e botões que vão abrir, com um tapete de lá, esburacado, poeirento, cheirando a banho! E haverá

remedio para tão duro mal? De certo! Arrancar o tapete suffocante. Mas que Hercules genial emprehenderá esse trabalho santo? Não sei.

Em todo o caso, creio que o Brasil tem ainda uma chance de reentrar n'uma vida nacional e só brasileira.

Quando o Imperio tiver desaparecido, perante a revolução jacobino-positivista que já lateja nas escolas e que os doutores de penna hão de necessariamente fazer de parceria com os doutores de espada; quando por seu turno essa Republica jacobino-positivista murchar como planta collocada artificialmente sobre o solo e sem raizes n'elle e desaparecer de todo, uma manhã, levada pelo vento europeu e doutoral que a trouxe; e quando de novo sem luta e por uma mera conclusão logica, surgir no paço de S. Christovão um novo Imperador ou Rei — o Brasil, repito, n'esse momento tem uma chance de se desembaraçar do «tapete europeu» que o recobre, o desfeia, o suffoca.

A chance está em que o novo Imperador ou Rei seja um moço forte, são, de bom parecer, bom brasileiro, que ame a natureza e deteste o livro.

Não vejo outra salvação. Mas no dia ditoso em que o Brasil, por um esforço heroico, se decidir a ser brasileiro, a ser do novo mundo, haverá no mundo uma grande nação.

Os homens têm intelligencia, as mulheres têm belleza — e ambos a mais bella, a melhor das qualidades: a bondade. Ora, uma nação que tem a bondade, a intelligencia, a belleza (e café n'estas proporções sublimes) — póde contar com um soberbo futuro historico, desde que se convença que mais vale ser um lavrador original do que um doutor mal traduzido do francez.

Não me queira mal por toda esta desordenada franqueza, e creia-me tão amigo do Brasil como seu — Fradique Mendes.

Paris — 1888.

EÇA DE QUEIROZ.

PENSAMENTOS

O começo da arte consiste em tornar bello o nosso povo.

Ruskin.

O homem é mais macaco do que qualquer macaco.

Nietzsche.

Todos nós somos grandes proprietarios sem o saber. O que nos falta não é a terra, mas a faculdade de a gosar. Os baldios, os caminhos, os atalhos, as praias, a immensa extensão das nossas costas, não nos pertence tudo isso? A paisagem pertence á primeira pessoa que tem olhos para a vêr.

Lubbock,



O naufragio do «Veronese»

Lançamento de um foguetão



O naufragio do «Veronese» — Fazendo signaes para bordo

(Phot. de C. P. Cardoso — Foz do Douro)

O planeta Marte

SE o ensino da astronomia, no que ella tem de interessante, attrahente e maravilhoso, despida de calculos incompreensíveis para espiritos alheios ás mathematicas puras, fosse intensamente vulgarizado nas escolas de instrução primaria, não n'essas que por ahí vemos, mas n'outras que deveriam substituil-as e das quaes sahisse a juventude habilitada com uma solida base para o trabalho e labutação da vida, a humanidade progrediria por certo muito mais rapidamente no caminho do bem, da justiça e da paz. Longe vae o tempo da presumçosa crença de que a terra occupava o centro do Universo e de que o firmamento inteiro tinha sido creado para divertimento da humanidade, mas ainda assim seria necessario que os homens fossem levados, por um forte desejo de saber e observar o que se passa fóra do nosso minuscuro planeta, a familiarisarem-se com os grandes phenomenos da Natureza, para que tivessem a consciencia nitida do nada que vale a existencia humana perante as prodigiosas forças que regem o Universo.

Conscientes de que a Terra, mesmo no systema solar, é um

dos mundos mais infimos, sem nenhum privilegio, nem de grandeza, nem de logar perante esses milhões de estrellas que povoam o firmamento e que são outros tantos centros de systemas planetarios habitados por seres organizados, perante os milhares de milhões de estrellas que constituem as nebulosas, os homens sentiriam por certo a sua pequenez e considerariam que perante a grandiosa e imutavel harmonia da Natureza são simples infantilidades as maiores crises que affectam a vida social da humanidade, os mais graves problemas que a agitam e até as maiores desgraças que a ferem e emocionam. Impossivel seria que da contemplação dos maravilhosos phenomenos celestes e da meditação consequente sobre o sublime trabalho da Natureza, perpetuo movimento e successiva transformação do numero infinito de mundos que povoam o espaço, não surgisse no espirito dos observadores uma ancia forte de trabalho, paz e harmonia, a imitar a magestosa harmonia do Universo, perante o qual são nada as grandes potencias da Terra com os seus poderosos monarchas, perante o qual a propria Terra não chega a assumir as proporções d'um grão de areia perdido no oceano infinito do espaço incommensuravel. E então talvez que os milhares e milhares de contos gastos na lucta improficua entre canhões e couraças viessem a ter a utilissima applicação que lhes cabe na lucta pacifica dos povos, pelo trabalho no campo da sciencia e da moral, no caminho da perfectibilidade humana.

Quem não sentiu ainda essa mysteriosa attracção dos mundos que nos rodeiam, quando no silencio d'uma noite calma de estio nos abstrahimos na sua contemplação? Como que nos domina um desejo ardente de voar até lá, vêr, observar, prescrutar, como que se nos deifica o espirito, um momento liberto das miserias terrenas. E essa impressão torna-se mais viva se fixamos a attenção nos raios ardentes e alaranjados do planeta Marte, no bello e brilhantissimo disco de Venus ou no sereno e magestoso Jupiter, nossos companheiros na



O naufragio do «Veronese»

Conduzindo um naufrago ferido para o hospital de Leça

Este planeta, gyrando dentro da nossa orbita, nunca se nos apresenta em opposição, phase em que a observação se faria nas melhores circumstancias. Não succede o mesmo com Marte, mais longe do Sol do que nós, que ainda não ha muito tempo esteve em opposição, offerecendo-se aos nossos telescopios, podendo toda a gente observal-o a olho nú, na sua maravilhosa belleza, ao sul, na constellação do Sagittario. E' do nosso mundo planetario o astro que mais tem occupado os astrónomos pelas extraordinarias semelhanças e, ao mesmo tempo, estranhos contrastes, que a sua constituição e aspecto phisicos apresentam com os da Terra.



O naufragio do «Veronese»

Chegada de um naufrago salvo pelo cabo «vae-vem»

e o dia é lá de 24 horas, 37 minutos e 23 segundos.

Ali tem sido observadas as grandes neves polares e até as suas grandes variações de extensão conforme as estações, e, como na Terra, as regiões polares são occupadas por mares. Existe naquelle planeta uma atmosphaera como a nossa, mas lá são poucas as vezes em que ella se encontra carregada de nuvens, principalmente na região equatorial, o que quer dizer que ha lá muito menos agua que na Terra, o que com effeito concorda com a observação directa. Os mares de Marte são menos extensos e menos profundos que os do nosso planeta e as terras são cortadas em todos os sentidos por largos e pouco profundos canaes e as serras são pouco elevadas, não havendo ali altas cordilheiras como as nossas dos Andes, do Hymalaia ou dos Alpes, parecendo, pelo contrario, que as terras são ali tão baixas que, em certos pontos, as aguas as cobrem algumas vezes. E' pelo menos o que se pode suppór das mudanças de aspecto das terras, mares e canaes, observados na superficie d'aquelle planeta.

As curiosas observações do notavel



O naufragio do «Veronese» — *Conduzindo um naufrago ferido para a ambulancia*

(Phot. de C. P. Cardoso — Foz do Douro)

astronomo milanez Schiaparelli, durante a opposição de Marte em dezembro de 1881, levam-nos ainda mais longe no campo das suposições, tão mysteriosa é a rede de canaes que aquelle respeitavel homem de sciencia observou em toda a superficie do planeta, alguns dos quaes se desdobram em dois, em epochas fixas do anno. Não faltou quem aventasse a hypothese de serem obra dos habitantes esses canaes misteriosos, tanto mais que essas obras que para nós seriam gigantescas, não seriam para os felizes habitantes d'aquelle planeta de extrema difficuldade. Os materiaes pesam em Marte cerca de um terço apenas do que pesam na Terra. O diametro d'aquelle planeta é proximamente metade do nosso, a sua

A VIDA ELEGANTE

QUANDO este numero do *Brasil-Portugal* fôr bater á porta do teu *boudoir*, querida leitora, o carnaval estará mais uma vez agonizante; mais uma vez sobre o seu corpo de truão envelhecido cahiram novamente os mais desprezadores apòdos, e uma vez mais se provará que a ingratição humana é infinita, por isso que se verá fazerem parte do còro desalentado dos que zombam do folião Mòmo e maldizem a

VIDA ELEGANTE



O palacio dos Condes de Pinhel, em Pinhel

circunferencia de 5:300 leguas, o seu volume é seis vezes e meia mais pequeno que o da Terra, e a densidade media dos materiaes que constituem aquelle globo é 0,71 da densidade dos da Terra. A velocidade dos dois satellites de Marte estabelece que este planeta pesa cerca de 10 vezes menos que o nosso.

Deve ser um dos phenomenos mais attrahentes do céu de Marte o movimento d'estes dois pequenos satellites de 10 a 12 kilometros de diametro. Um d'elles faz a volta inteira do planeta, á distancia de 6:000 kilometros da superficie, em 7 horas e 39 minutos, isto é, dá por dia tres voltas ao planeta, gyrando no mesmo sentido d'elle, de modo que nasce a occidente e põe-se a nascente. O cyclo completo das phases d'esta curiosa lua faz-se em onze horas, não chegando a durar cada *quarto* tres horas.

O outro satellite gyra em torno do planeta á distancia de 20:000 kilometros da superficie e effectua a sua revolução em 30 horas e 18 minutos.

Deve ser realmente curioso o céu de Marte, no qual se movem constantemente estas duas luas de phases rapidas e eclipses muito frequentes.

EPIGRAMA

Tendes o cravo no peito,
O logar improprio é;
Pois se o tivesses no pé
Era o logar mais perfeito;
Não julgueis que o meu conceito
Vos faz a menor censura;
E' só com doce brandura
E sem vos fazer agravo,
Dar-vos pancada no cravo
Sem tocar na ferradura.

ABBADE DE JAZENDE.

sua atroz sensaboria, aquelles que mais e melhor buscavam aligeirar as horas d'estes ultimos dias, á custa do seu fugitivo prestigio e das suas regalias de soberano — de occasião.

Mas, a verdade é que o carnaval das ruas agonisa, de anno



Vida elegante — O palacio dos Condes de Pinhel em Lisboa, no largo do Conde Barão

para anno, evidenciando os alarmantes signaes d'um fim proximo. A chalaça portugueza, que em geral triumphava n'estes dias, agitando alegremente os seus guisos de cobre sobre a cabeça apavorada das pessoas pacatas, anda por ahi com o ar estranho e comprometido de quem não conhece o meio em que circula; e até a



Vida elegante — Uma caçada em Pinhel — Entre os caçadores, os srs. Luiz Pinhel e dr. Almeida d'Eça

velha surpresa — em que toda a gente se finge a primôr surpreendido, desde os amigos que assaltam a moradia e redopiam com furia nos salões assaltados, até aos donos da casa que já de vespera se preparam affadigadamente para o inesperado assalto, até essa ingenua *soirée-surprise* que a nada obriga, — obrigando a tudo, teve este anno uma expansão muito limitada, — que os tempos vão maus; e se já não é grande cousa vêr caras e não vêr corações, peôr será não vêr caras, como auctorisa o dominio do velho Mómo?!...

Para a chronica *Vida Elegante* não forneceu o carnaval de 1913 grande subsidio de festas. Pelo esplendor de aspectos, brilho e animação ha a registrar o baile na Legação de Italia. Mais uma vez os srs. Marquezes Paulucci di Celboli e os seus sympathicos filhos deram á alta sociedade da nossa terra o espectáculo soberbo d'uma festa em que a sumptuosidade se alliou com a mais carinhosa hospitalidade, para a tornarem inolvidavel. Um lindo *cotillon* abundante de graciosas mareas foi a corôa d'essa festa principesca, vendo-

se deslizar nos vastos salões, sob os jorros de luz electrica, as mais lindas e elegantes senhoras de Lisboa e os mais conhecidos e animados rapazes dos nossos circulos mundanos.

No momento em que escrevemos está annunciada uma festa em casa dos senhores viscondes de Carnaxide; e essa não será dos menos elegantes, nem peccará certamente pela falta de rigorosa organização artistica. Quantos frequentam as salas do elegante palacete da rua Borges Carneiro, recordam sempre com saudade as horas de grande prazer espirital, que alli gosaram em festas anteriores. A d'este carnaval, se não as exceder em brilho, tambem não ficará diminuida em encanto de aspectos.

Ha ainda uma justa referencia a fazer; a que sem duvida merece pelo esplendor da sua realisacão, graça e originalidade de que se revestiu, a *reunião familiar em 1830*, uma feliz evocacão de tempos idos levada a cabo com raro brilhantismo. A esta festa esplendida dedicaremos a nossa proxima chronica, que será documentada com illustrações.

E n'este momento é quanto podemos registrar sobre o carnaval de 1913, que estará enterrado sob as recordações tristes, ou alegres, dos que o viram passar Chiado abaixo, agitando a guisalhada vibrante, com o manto cheio de lama e um riso idiota a franzir os lábios gretados pela aragem fria das tardes e pelas neblinas impertinentes das madrugadas.

As grandes casas provincianas, guardam ainda ciosamente a sua tradicção de grandeza aristocratica, suggestionando o aspecto de certos solares, pensamentos melancolicos sobre o passado e o presente, — comparações das quaes a actualidade não fica de melhor partido, a maior parte das vezes... Ha ramarias de arvores que parecem murmurár queixas e maguadas saudades; troncos, que conservam como reliquias, os pensamentos gravados a golpe de canivete; braçadas nodosas que ampararam cörpos de pequenitos, hoje vélhinhos já, que parecem reeditar as historias de fadas, contadas alli, sob a verdura discreta da folhagem.

A casa provinciana dos srs. condes de Pinhel, na povoação do mesmo titulo, é uma d'essas moradias encantadoras, onde não chega o bulicio das cidades e a vida pôde decorrer durante alguns mezes no anno, com aquella fugitiva alegria que dá a grande tranquillidade reparadora. N'essa dóce quietude, illuminado o lar pela risonha presença das suas gentis filhas e dos seus genros, passam os srs. condes de Pinhel uma parte do anno. Dando alguns aspectos d'essa vivenda e outros por equal interessantes que se relacionam com os illustres titulares e sua familia, o *Brasil-Portugal* inicia a série de referencias que tenciona fazer ás grandes moradias provincianas e aos seus proprietarios.

Fevereiro começando pelas folias carnavalescas pôde dizer-se um mez promettedor no que respeita ao movimento mundano. Effectivamente sabemos que logo depois do carnaval abrem alguns elegantes salões as suas portas para várias festas, embora a maior parte sejam revestidas d'um caracter absolutamente intimo.

A primeira festa de que temos noticia deverá realisar-se no dia 6 em casa da sr.^a D. Leonor de Castro Guedes Rosa e de seu marido o illustre actor Augusto Rosa. Quem conhece a alta cultura intellectual d'esta distincta senhora e tem podido apreciar a valia artistica de seu marido, calcula o que será essa noite nas salas da elegante residencia onde se admiram, a par de innumerables preciosidades da arte antiga e moderna, a interessantissima collecção de recordações da carreira theatral do eminente actor. Consta-nos que um programma deliciosamente organizado será exe-



Vida elegante — Em Pinhel — Uma «panne» no automovel — A sr.^a Condessa de Pinhel e sua filha a sr.^a D. Maria Candida de Campos Henriques d'Almeida d'Eça.



Vida elegante — O sr. Luiz Campos Henriques (Pinhel) na sua «charrette»

cutado na festa, que, diga-se de passagem, é solemnisadora do anniversario natalicio de Augusto Rosa.

E assim, logo a seguir ao carnaval e como que para apagar, felizmente, a recordação da passagem do velho Momo por 1913, teremos uma festa requintadamente artistica, verdadeiramente um inicio promettedor, do que será Fevereiro aristocratico e mundano.

LUIZ TRIGUEIROS.



Vida elegante — Em Pinhel — O sr. J. Braga, genro dos srs. Condes de Pinhel, a cavallo

Soneto principesco

O infante D. Luiz, duque de Beja, 4.^o filho do rei D. Manuel, nasceu em Abrantes no anno de 1506. Foi principe illustradissimo e dotado de altas qualidades de espirito e de coração.

Como escriptor attribue-se-lhe o *Auto de D. Duardos* e varias poesias de merecimento. Seu filho bastardo, D. Antonio, prior do Crato, o rival infeliz de Filippe II, foi tambem escriptor. Tanto o pae como o filho figuram no *Diccionario Bibliographico*, de I. F. da Silva.

É do infante D. Luiz o bello soneto que em seguida transcrevemos do volume 3.^o da *Phenix renascida*:

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu quando vos tinha
Que vos visse mudadas tão asinha.
Em tão compridos annos de tormento.

Os meus castellos que fundei no vento
O vento m'os levou que m'os sustinha,
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre coisas vãs fiz fundamento.

Amor com falsas mostras apparece
Tudo possivel faz, tudo assegura,
E logo no melhor desaparece,

O' dano grande, ó grande desventura!
Que por pequeno bem que em mim fallece,
Se aventura um bem que sempre dura!

Jesus, em seu testamento,
Entre outras coisas legou
Os seus suspiros ao vento,
Que para mim os passou.

ANTONIO NOBRE.

AVE MARIA

La virgen del Pilar! Ave-Maria!
Ave-Maria, estrella matutina!
O' lagrima de angustia e de alegria,
Lirio branco, celeste peregrina!
Na aurora, ao pôr do sol, no mar, na terra,
Bem dita sejas tu — Ave-Maria!

Que fóra da mulher sem ti, no mundo!
Vae apegar-se ás dobras do teu manto
A que tem um filhinho moribundo,
Invocando o teu nome sacrosanto!
Ave-Maria — ó mãe dos affligidos!
Ave-Maria — ó balsamo do pranto!

Entre nuvens de incenso do thuribulo
Acodes e sorris ao desgraçado
Quando sóbe as escadas do patibulo.
Quem acredita em ti, amor sagrado,
Não lhe importa morrer, Ave-Maria!
Resuscita em seio immaculado!

BULHÃO PATO.

A seriedade e a actividade sempre terminam por nos reconciliar com a vida.

RICHTER.



Vida elegante — O dr. Ruy d'Almeida d'Eça, genro dos Condes de Pinhel, no seu cavallo

NA ALDEIA

Duas horas da tarde. Um sol ardente
Nos côlmos dardejando, e nos eirados.
Sobreleva aos sussurros abafados
O grito das bigornas estridente.

A taberna é vasia; mansamente
Treme o loureiro nos humbraes pintados;
Zumbem á porta insectos variegados,
Envolvidos do sol na luz tremente.

Fia á soleira uma velhinha: o filho
No céu mal acordou da aurora o brilho
Saiu para os cansaços da lavoura.

A nóra lava na ribeira, e os netos
Ao longe correm semi-nus, inquietos,
No mar ondeante da seára loura.

GONÇALVES CRESPO.



POR UM OCULO...

(Criticas, Blagues & Phantasias)

XXI

O DOMINÓ VERDE

O baile estava animadissimo. Desde as dez horas da noite que uma longa fila de trens e automoveis ia despejando no portão principal do Centro os numerosos convidados para o grande baile de mascaras.

No salão principal uma orchestra composta de habalisados professores, executava escolhidos trechos de musica do seu variado e liberal repertorio.

Um grupo de mascaras mais numeroso tinha acabado de entrar, gralhando muito, com os seus ditos espirituosos. No meio do buliçoso rancho um dominó verde distinguia-se pela vivacidade dos seus gestos desenvoltos e provocantes.

O mestre sala bateu as palmas e a orchestra rompeu com uma valsa melodiosa e languida.

O dominó verde corria d'um lado para o outro intrigando todos os grupos com as suas piadas mordentes e causticas.

— Quem será? Quem será aquelle dominó?! — interrogava pensativo um cavalheiro já idoso que vestia um lindo traje do corpo de minhoca com cabeça de vibora.

— Não sei, mas se elle tirasse a mascara sabia logo — ponderou com gravidade uma outra mascara vestida de pepino. E o certo é que tem dito coisas... coisas que me fazem scismar. E' por estas e outras que eu não gosto do Carnaval.

Se eu um dia fôr governo, e como você sabe estou á bica, prohibo logo o uso das mascaras no carnaval...

— Olhe lá ó pepino, você quem lhe palpita que seja? — tornou o cavalheiro do traje de minhoca.

— Não sou capaz por mais que gite...

— Por mais que qué?

— Por mais que gite...

— Por mais que gite?!

— Sim, por mais que pense...

— Ah! agora... por mais que cogite, mas você tinha dito só gite...

— Sim, disse e direi sempre. Apesar de estarmos no carnaval não gosto de certas palavras... Acho que tem uma composição pouco decente para serem usadas por pessoas da nossa cathegoria social...

O cavalheiro do traje de minhoca ia seguindo com a vista o dominó verde que, no outro lado da sala intrigava agora uma odalisca de formas bem torneadas.

— Eu conheço-te... Eu conheço-te de gingeira, minha odalisca evolucionista...

— Ora essa! Mas com quem pensa o cavalheiro que está fallando?

— Deixa-te disso — tornou o dominó verde com voz de faldete. — Nós já temos ceado juntos muita vez.

— Ah! mas que atrevido...

— Ainda ha dias estiveste em minha casa jurando-me o teu amor...

A odalisca cheia de indignação apertou mais a mascara ao rosto e exclamou indignada:

— Aqui está a que uma pessoa honesta se sujeita — e retirou-se desesperada, agitando nervosa a cabeça onde uma meia lua de latão brilhava triumphante.

O dominó verde deu uma gargalhada, e a odalisca dirigiu-se apressada para um sujeito alto que estava encostado á hobreira da porta.

— Sabes Celorico, anda ahi um dominó verde a dizer muitas inconveniencias... E ficaram-se conversando de braço dado.

O mestre sala annunciou com voz forte:

— Vae começar a contradança d'honra... Tomem os seus logares, meus senhores.

O dominó verde dirigiu-se ao grupo com quem tinha entrado e segredou.

— Vá, toca a tirarem pares. Mecham-se... intriguem... animem o baile...

— Já tens par?

— Já, é aquelle mascarado que está vestido de Messias.

— Bravo, bravo...!

— Somos o par marcante...

A orchestra deu o ultimo signal e os pares formaram de volta da sala.

O dominó verde pelo braço do Messias tomou logar na cabeceira.

— Quem é o nosso *vis-a-vis*?

— E' aquelle par que vem ali. O mascarado de joven turco e aquella pequena vestida da rua.

O mestre sala deu o signal e a contradança começou.

— Marca coisas bonitas, sim? — pediu com voz terna o dominó verde.

— Deixa estar, ha-de fazer-se boa figura. Tenho umas poucas de marcas d'alta novidade. Ora repara n'esta primeira, para começar a dança.

E o Messias com voz bem timbrada, ordenou:

— O partido dos independentes *aux milieu!* Formê des *arcades* do Terreiro do Paço, com entrada para o Ministerio do Fomento. Sr. Silva *en avant*...

A orchestra executou um bocadinho da *Maria da Fonte* e o Messias segredou ao dominó verde:

— Vês! Estes já estão seguros — e bateu as palmas para a segunda marca.

— *Attention! Grand rond* de volta do orçamento. *Balancé.* Cinco mil contos de *deficit: aux grand galop!*

— Não marques tão depressa que és capaz de cahir — recomendou o dominó verde.

O Messias tornou a bater as palmas.

— Agora repara n'esta outra, que é uma homenagem ao meu amigo Borges.

— A dama do meu *vis-à-vis en avant!* Os presos da Trafaria *en continence* para a Penitenciaria...! *Vite!*

— Estás a esgotar as melhores, segredou ao Messias um cavalheiro gordo mascarado de Bruto senador romano, que estava proximo.

— Não faz mal. Para o fim guardo uma que é d'aplauso geral garantidissimo.

E d'ahi a pouco a voz bem timbrada do mascarado do Messias tornou:

— Para o bufete... *Aux grand galop!*...

Foi um delirio. Os pares offegantes romperam n'uma correria doida pelas salas, invadindo o bufete no meio de aclamações entusiasticas.

— Então porque não tiras a mascara. Vá, põe-te á vontade...

— pediu o Messias, offerecendo um prato de croquetes ao dominó verde.

— Nada. Lá a mascara não tiro... Pede-me tudo, menos isso...

E o dominó verde continuou intrigando até ao fim do baile, sem que ninguem o conhecesse.

A' sahida, o mascarado de minhoca, dizia para o seu companheiro pepino:

— Parece-me que descobri quem era o diabo do dominó verde — e segredou-lhe um nome ao ouvido.

— Pois tem você razão. Por aquella intrigalhada que fez... E ainda ha outra razão para eu acreditar que fosse elle. Ainda agora quando descalçou as luvas eu reparei que tinha as unhas todas sujas...

E lá foram até casa discutindo quem seria o dominó verde que, infatigavel sempre, ainda á esquina da rua do Calhariz continuava intrigando um grupo de peixeiras que passavam para a praça.

CRISPIM.

Ganeioneiro popular

Fui á fonte das tres bicas,
Bebi, tornei a beber,
Nem minha bocca se enfada,
Nem meus olhos de te ver.

A QUESTÃO DO ORIENTE

Guerra entre os estados balkanicos e a Turquia



Artilharia bulgara nas linhas de Cataldja

A Austria e as populações balkanicas

DE todos os povos balkanicos, considerados sob o ponto de vista ethnico, só os albanezes e os gregos são autochthonos, derivando os primeiros dos «pelasgios» — que primitivamente habitaram a Grecia — e os segundos dos seus immediatos os «hellenos».

Os servios são da raça slava, e os montegrinos de origem servia.

Os bulgaros — aliás como os turcos — são de raça tartara, mas hoje completamente misturada e fundida com a slava.

Os romaicos — ou roménios — são de proveniencia latina. Os turcos apenas constituem um grupo compacto, entre o Danubio, os Balkans e o Mar Negro, e esse mesmo não attinge dois milhões de individuos.

A população da península balkanica consta das seguintes categorias ethnicas:

Servios	5.600:000
Bulgaros	4.400:000
Roménicos	4.600:000
Gregos	4.500:000
Albanezes	1.600:000
Turcos	1.800:000



A guerra entre os estados balkanicos e a Turquia — O enterro d'um tenente do exercito burgaro fallecido no cerco de Andrinopla

A este numero devem ainda juntar-se uns 500:000 judeus, 1.500:000 ciganos — ou húngaros slavizados — etc.

Deve notar-se — e isto é agora oportuno — que no imperio austro-húngaro existem ainda: 711:000 servios na Austria e 2.700:000 na Hungria, os quaes em vão se tem tentado germanisar ou magyarisar. Ha, egualmente, 230:000 roménicos na Austria e 2.800:000 na Hungria, que tambem permanecem fieis ás suas tradições historicas.

Ha, pois, na península balkanica uma massa de 15 milhões de slavos e 8 a 9 milhões de roménicos; ao passo que os turcos só na Asia Menor formam um nucleo importante de 10 a 12 milhões de individuos.

Além d'isso, são tambem para ponderar as difficuldades que poderiam sobrevir á Austria, em caso de guerra com qualquer

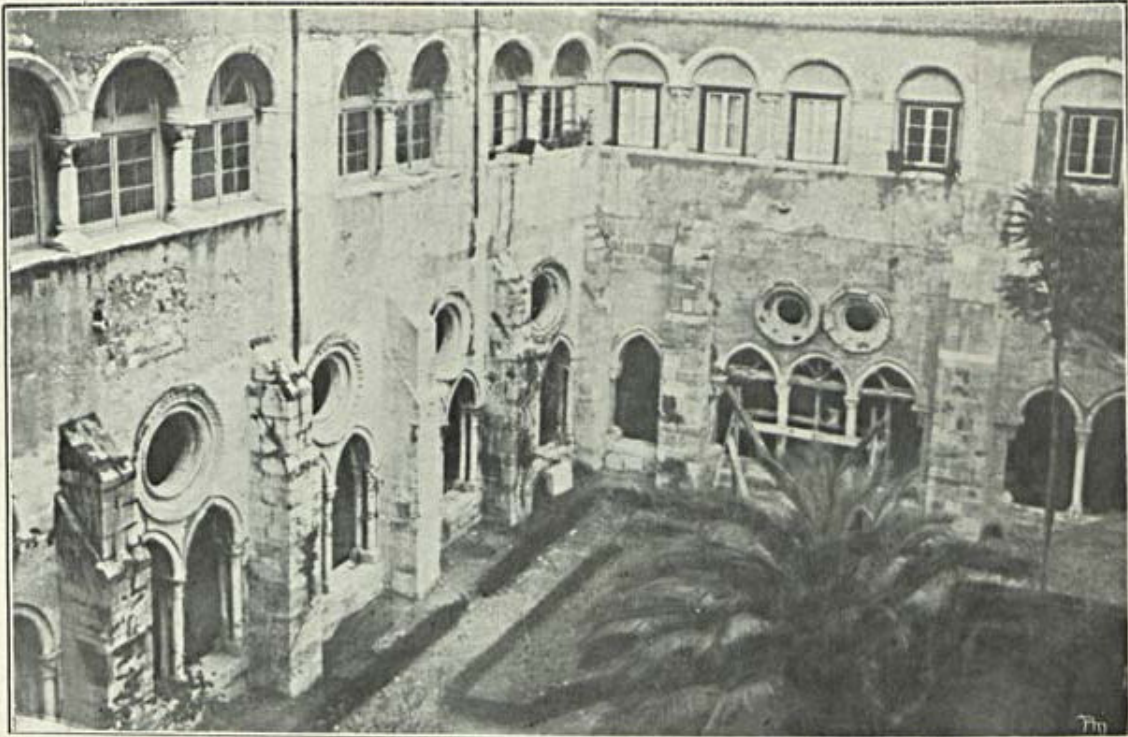
CANTIGA HUNGARA

Das minhas trinta e tres amantes
Apenas tres me não trahiram:
Mas d'essas tres, sempre constantes,
Duas por fim tambem partiram.

D'amor eterno, alto modelo,
Foi uma só, das trinta e tres;
Mas essa, em paga do meu zelo,
Sou eu que a engano muita vez...

ANTONIO FEIJÓ.

A Sé de Lisbôa



Os claustros

(Phot. de ***)

dos povos balkanicos, se attendermos aos elementos heterogeneos de que se compõe o seu exercito e em que não pequena importancia tem as tropas de origem slava e roménica.

F. P.

Para saber se ha humidade n'um aposento

Pisa-se uma porção de cal viva, e deitam-se n'um vaso 500 grammas, pesados cuidadosamente. Colloca-se o vaso no aposento durante vinte e quatro horas, findas as quaes se procede outra vez á pesagem da cal. O aposento é habitavel se o peso não tiver augmentado mais de um gramma, e inhabitavel se tiver augmentado mais 5 ou 6 grammas, sendo sobretudo perigoso dormir n'elle.

Caso grave

Dizem os sabios que, se não se tratar de corrigir o pequeno erro que existe no calendario gregoriano, d'aqui a trezentos mil annos o Natal será na primavera e o *Espirito Santo* em agosto! E' caso para os sabios se apressarem a tomar uma resolução.

Gordos e magros

Cesar dizia: «Não me receio dos homens expansivos, sanguineos e gordos; os que temo são os meditados, pallidos e magros.

?...

Vós tendes a doce alvura transparente,
A languidez d'um raio de luar;
Tendes visões d'um sonho do Oriente,
No doce mar negro do vosso olhar!

Na vossa bocca tão fresca e rosada,
Existe um sorriso quasi constante:
O sorriso d'uma fresca madrugada,
Que só é dado á mulher captivante.

E nos vossos olhos aveludados,
D'uma negra noute de tempestade,
Ha vida, amor, sonhos enamorados,
Alvoradas d'infinda saudade!

TRINDADE BAPTISTA.

ASSUMPTOS MILITARES

Polvoras sem fumo

Os leigos na materia não vêem, á primeira vista, a razão de não haver fumo quando se dá um tiro com arma de fogo, pois que á ideia de tiro ligam inseparavelmente a ideia de fumo.

Explicaremos summariamente o phenomeno, sem entrar em pormenores technicos, dizendo que, ao passo que a decomposição da chamada polvora negra (geralmente composta de salitre, enxofre e carvão) origina, além dos productos gazozos, residuos solidos de sulfureto, sulfato e carbonato de potassio, os quaes, misturados com aquelles, constituem o fumo negro, denso e persistente, característico das referidas polvoras — as classificadas de *infumigenas* só dão origem, além dos productos gazozos, ao vapor d'água, que constitue a tenue neblina que se nota em seguida ao tiro, mas que rapidamente se dissipa.

As polvoras de guerra d'esta especie dividem-se em dois grupos; de *nitrocellulose*, e as de *nitrocellulose* e *nitroglycerina*, substancias estas que respectivamente derivam, como se sabe, da acção do acido azotico sobre a cellulose e a glycerina.

Das polvoras *nitrocellulosicas* é exemplo notavel a polvora franceza B, do typo Vieille, e das *nitroglycericas* a *cordite* ingleza — ou polvora Abel — e a *ballistite* italiana — ou polvora Nobel. A este ultimo grupo pertence tambem a *barrelite*, ha annos empregada no nosso exercito.

As polvoras *nitrocellulosicas* obteem-se geralmente pela dissolução do algodão nitrado — algodão-polvora — n'uma mistura de alcool e ether, tal e qual como o *collodion* das pharmacias.

Quanto ás polvoras *nitroglycericas*, assemelham-se á «gelatina-explosiva», isto é, a uma *dynamite de base activa*, pois que, como se sabe, a de *base inerte*, ou *dynamite ordinaria*, é obtida pela mistura da *nitroglycerina* com uma silica especial.

Nas polvoras *nitroglycericas* a dissolução do algodão nitrado na *nitroglycerina* é favorecida pela acção de um dissolvente, que é geralmente o ether acetico ou a acetona.

As polvoras *nitrocellulosicas* são menos estaveis que as *nitroglycericas*, o que dá origem á producção de gazes provenientes da decomposição lenta do explosivo, manifestando reacção acida e dando logar a combustões expontaneas. Consegue-se neutralisar este excesso de acidez adicionando á polvora um *estabilizador*, aproveitando-se geralmente, para esse fim, as propriedades alcalinas das *aminas*.

A *difenylamina* é empregada na polvora franceza B como «estabilizador», «moderador» e tambem como «revelador», porque da cor violeta passa á esverdeada em presença dos vapores nitrosos.

Em outras polvoras emprega-se como moderador a camphora, a vaselina, o tannino, etc. A *celluloide* do commercio não é mais que uma polvora *nitrocellulosica* com a adjuncção de bastante camphora.

A proporção da *nitroglycerina* nas polvoras *nitroglycericas*, que era de 50 0/0 na *ballistite* primitiva, tem, na nossa *barrelite*, ido diminuindo de 30 a 13 0/0, com tendencia a desaparecer,

isto é, a transformar-se n'uma polvora *nitrocellulosica*. A razão é que a primeira, apesar de mais estavel que a segunda, offerece o grave inconveniente de degradar consideravelmente a alma das armas de fogo: — *c'est une mangeuse de canons*. — na pittoresca expressão de um official austriaco, que preconizava, na minha presença, a polvora Schwab. Um cano de espingarda resiste, muitas vezes, sem acção corrosiva demasiadamente sensível, a 15:000 tiros com polvora *nitrocellulosica*, e a muito menos da terça parte com as *nitroglycericas*.

A decomposição expontanea das polvoras sem fumo é quasi nulla abaixo de 15° C. e cresce rapidamente com a temperatura. E' essa a razão porque, a bordo dos navios de guerra, os paioes são mantidos á temperatura constante de 15 a 18 graus, por meio da gazeificação do acido carbonico liquido.

Emprega-se, para verificar a resistencia da polvora ao calor a prova chamada *dos 110 graus*, que consiste essencialmente em aquecer uma pequena porção de explosivo á temperatura proxima da indicada, devendo resistir mais de uma hora sem se decompôr — o que se manifestaria pela coloração roxa do papel azul de tornesol, em virtude da reacção acida dos ga-

zes produzidos. — Está calculado que cada hora a 110.º corresponde a um mez a 40.º Por isso á polvora dos navios, que tenham de fazer 2 annos de estação, se exige que a somma dos tempos que resiste áquella prova seja de 24 horas (isto é 24 mezes a 40.º) Não se considera, porém, infallivel esta prova, pois que a experiencia tem mostrado que o aquecimento rapido áquella temperatura pôde determinar uma explosão. Cita-se até, o facto de ter explodido expontaneamente uma porção de cartuchame para infantaria que tinha sido collocada n'um areial sobreaquecido, pelo sol ardente, a cerca de 40.º, n'uma possessão franceza da Africa equatorial.

A polvora *infumigena* para as armas portateis apresenta-se geralmente em pequenas grãos chatos, de forma prismatica quadrangular, em minusculas rodélas, ou em delgados tubos com o aspe-

A Fabrica da Polvora, em Ghellas



Officina de cartuchame

cto de aletria cortada muito miuda. A das bocas de fogo apresenta-se em fôrma de fitas, fios, tubos («macarrão») arandélas, etc.

A nossa Fabrica de Polvora sem Fumo, que faz parte do Arsenal do Exercito, está situada em Chellas, proximo de Lisboa, e divide-se em duas secções: *fabrico de explosivos* e *fabrico de cartuchame*. Na primeira obtem-se, além dos componentes já indicados, a polvora para espingarda (T), para pistola (L) e para peças de campanha (F), e o fulminato de mercurio para as capsulas dos cartuchos; na segunda fabricam-se os elementos para os cartuchos das armas de fogo portateis e procede-se á sua ultimação.

A força motriz da Fabrica é de 200 cavallos, sendo a transmissão da energia parte electrica e parte telo-dynamica.

A preparação dos explosivos é feita em barracões convenientemente isolados, e separados uns dos outros por meio de travezes, ou cavalleiros.

A esplendida officina para o fabrico do cartuchame, que mede 65 metros de comprimento por 15 de largura, é um elegante e alto pavilhão de ferro e vidro, com dois pavimentos, sendo o 2.º constituído por uma galeria ao longo da qual estão installadas varias machinas accessorias. O pavimento inferior, ao rez-do-chão, tem a superficie de perto de 1000 metros quadrados, e n'elle estão montadas as machinas-ferramentas destinadas ao fabrico dos elementos do cartucho.

A rodéla de latão é, por embutimentos e estiragens successivas, effectuadas em numerosas machinas e phases do fabrico, levada á fôrma definitiva da caixa do cartucho. Carregada esta com baretite, mecanicamente ou á mão, junta-se-lhe a bala, que é de chumbo mettido em camisa de aço. Aquelle nucleo é obtido obrigando, por meio da pressão hydraulica, a passar chumbo derretido por uma fieira especial, e cortando em pedaços o cylindro resultante. Uma outra machina comprime o nucleo de chumbo dentro da camisa de aço — obtida tambem por estiragens successivas, — e outra liga a bala ao cartucho.

A producção annual da Fabrica é de proximamente 20 toneladas de polvora, e, em plena laboração, pôde fornecer ao exercito cerca de 50.000 cartuchos por dia.

A fabrica de Chellas é um estabelecimento modelar, que faz honra ao paiz. A sua installação, que teve logar em 1896, e o seu progressivo desenvolvimento devem-se principalmente a dois officiaes de nome bem conhecido — o general Pimentel Pinto, cuja rasgada iniciativa e serviços prestados ás instituições militares superfluo seria encarecer, e o coronel Corrêa Barreto, abalisado chimico e artilheiro distincto, que tem dedicado áquelle importante estabelecimento fabril toda a sua competencia e infatigavel actividade.

EDUARDO PELLEN.

A BARBA

A barba, bem como os cabellos, apresenta grandes variedades de côr, comprimento e grossura segundo a raça, o clima, o temperamento e a maneira de viver. Assim, pois, os egypcios rapavam-a, enquanto que os assyrios a deixavam crescer. Os gregos só começaram a faze-la no tempo de Alexandre.

Os francos usavam um bigodinho, com uma barba curta e entrançada; Carlos Magno e os seus descendentes foram a pouco e pouco encurtando a barba, que foi completamente supprimida pelos Capetos. Francisco I voltou a usa-la crescida em ponta e os cabellos curtos. Os nossos reis da primeira e segunda dynastia todos usaram a barba cerrada; os bragantinos seguiram em barbas e cabellos as modas francesas.

Sob o ponto de vista hygienico, a barba é um grande preservativo da caria dos dentes e das nevralias.

A barba desponta aos vinte annos; mas embranquece muito antes dos cabellos, com os quaes tem muita relação. O costume de usar barba crescida faz com que os cabellos tenham uma queda precoce. A belleza das barbas turcas provém em grande parte de usarem os musulmanos a cabeça rapada; e a exuberancia dos cabellos das mulheres depende, quem sabe, da ausencia de barba.



Ultimo retrato da rainha da Hollanda e de sua filha a princeza Juliana

Para limpar as gravuras

Para tirar ás gravuras antigas a sua côr amarelada e restituir ao papel a sua brancura primitiva, prepara-se, n'uma vasilha

de dimensões apropriadas á gravura, chlorureto de potassa, ou agua de Javal, com agua ordinaria.

Mergulha-se em seguida n'este liquido a gravura, durante dois minutos, e retira-se depois para a collocar por baixo d'uma torneira, deixando correr sobre ella agua limpida.

Esta operação demanda muitas precauções e uma certa habilidade, para não inutilisar a gravura, mas é facil adquiril-a pela experiencia.

CANCIONEIRO POPULAR

Tu chamas-me tua vida,
Tua alma quero eu ser,
Que a vida morre com o corpo
E a alma eterna ha de ser!

O barytono portuguez Alfredo Mascarenhas

É um novo: conta apenas 29 annos de idade; pelo bello timbre da sua voz e pelo seu excelente methodo de canto, segue no estrangeiro auspiciosa carreira, que, tudo leva a crêr, o tornará notavel no mundo lyrico, onde é já conhecido e apreciado.



O baritono Alfredo Mascarenhas

de de Mascarenhas. Ainda estudante, no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, era assiduo frequentador da Academia dos Amadores de Musica, tendo como dirigente particular na arte do canto o conhecido maestro Manoel Benjamim. Tanto este, como todos os seus amigos, vendo quanto a sua bella voz poderia ser aproveitada, o incitavam ao estudo nos grandes centros lyricos e nas suas bellas escolas de canto.

Uma grande difficuldade havia a vencer: seus paes não eram ricos, e a permanencia no estrangeiro é sempre cara. Com o auxilio de pessoas de sua familia venceu-se a difficuldade e Alfredo Mascarenhas, cheio de boa vontade e entusiasmo, partiu para Roma em 26 de Novembro de 1906.

Chegado áquella cidade, e por influencia do secretario da Embaixada junto á Santa Sé, Martins O'Conner, instalou-se no hospicio de Santo Antonio dos Portuguezes, e ainda sob a alta protecção e estima que até final da sua educação musical lhe dispensou este distincto diplomata, foi apresentado ao grande professor Mateine que por insignificante retribuição o admitiu nas suas aulas, onde a breve trecho alcançou o primeiro logar. E de tal modo se houve, com tão grande brilho tomou os conselhos e ensino de tão bello mestre, que anno e meio depois fazia já a sua estreia no theatro Quirino de Roma, cantando os *Puritanos*. Bello acolhimento lhe fez o

publico, distinguindo-o com repetidas chamadas; e os jornaes de Roma fizeram lisongeiras referencias á bella voz do barytono portuguez e á sua boa estreia, assegurando-lhe um futuro brilhante

Estava lançado o novel cantor portuguez, e a seguir teve successivos contractos, tendo cantado em Rovereto (Tirol), San Remo, Comachio, Barleta, Milão, Cervia (Ravenna), Odessa, Cairo e Alexandria, Athenas, Corfú, Cyra e Petras (Grecia) e na capital da Romania, Bucarest, d'onde, devido á guerra dos Balkans foi obrigado a retirar, achando-se actualmente cantando em Turim e com grande successo. Por varias vezes os nossos jornaes se teem referido aos elogios que á imprensa estrangeira teem merecido a bella voz e magnifico methodo de canto d'este nosso compatriota. Tem já cantado nos differentes theatros a *Aida*, *Bohemia*, *Butterfly*, *Cavallaria Rusticana*, *Carmen*, *Fausto*, *Fedora*, *Lucia de Lamermoor*, *Puritanos*, *Palhaços*, *D. Pascoal*, *Ernani*, *Hebréa*, *Rigoletto*, *Traviata*, *Trovador*, *Werther*, *Iris* e *Hugnotes*.

Como se vê é já grande o seu repertorio, a que ha a acrescentar o *Baile de Mascarras*, *Favorita*, *Yone*, *Mignon*, *Pescador de Perolas*, *Gioconda* e *Ruy Blas*, operas já estudadas mas que ainda não teve occasião de cantar.

Porque não tivemos nós ainda o prazer de ouvir este nosso compatriota no nosso theatro? occorre perguntar. Apavoral-o-ha a exigencia já tradicional do publico de S. Carlos?

E' certo que cantores ouvidos com geral agrado nos theatros lyricos das primeiras cidades da Europa, teem sido recebidos friamente, senão com manifestações de desgosto, em S. Carlos; que isto porém o não preocupe, na certeza de que encontrará em cada um dos seus patricios um amigo, cheio de toda a benevolencia de que porventura precise, mas de que, estamos convencidos, não carecerá.

Que venha pois e breve, se é que o nosso bello theatro lyrico não cerrou de vez as suas portas. Temos fé que tal não succederá.

J. V.



O baritono Alfredo Mascarenhas no «Trovador»



O baritono Alfredo Mascarenhas na «Lucia»

CANCIONEIRO POPULAR

Ondas do mar abrandae
 Que eu quero pilhar um peixe,
 Que eu quero deixar o mundo
 Antes que o mundo me deixe.

THEATROS

Avenida — *Alerta*, revista em 3 actos e 12 quadros, original de Luiz Galhardo, Alberto Barbosa e Barbosa Jun, musica de Del-Negro e Alves Coelho.

De ha muito annunciada, era esperada com um certo interesse esta revista, a primeira que sahiu á luz no anno que vae correndo, tanto mais que a assignavam trez nomes conhecidos no meio theatral e jornalístico, devendo-se a dois d'elles um exito no genero — a revista *O da Guarda!* — que quasi durante um anno esteve em scena no **Apollo**.

O publico entusiasta pelo genero lá acorreu em massa no dia da *première*, como juiz supremo, prompto a lavrar a sentença, que é

dade profunda das suas admiraveis creações na *Zazá*, *Amor de Tradição*, *Primeira Causa*, *Lagartixa*, *Ladrão*, ficando por aqui e fazendo votos para que a *nuvem* se dissipe breve.

Da revista só temos a accrescentar que ella tem um *compère*, tallhado no molde dos outros já nossos conhecidos, um *Savalidade* com encardenação nova, mas o texto igual aos que nos têm apresentado, quadros de phantasia, critica politica em abundancia, o que é excellente recommendação para o paladar do publico, boa musica e regular desempenho, devendo destacar, além da Angela Pinto, Armando de Vasconcellos, que tambem ensaiou Gentil, Martins dos Santos, Isaura Ferreira e Maria Littaly.

As apotheoses de Eduardo Reis e Augusto Lima, deslumbrantes. ... e eis tudo.

C.

NOTA — No nosso proximo numero trataremos detalhadamente das peças que tem subido á scena no *Nacional* e no *Republica*, o que não fazemos agora por absoluta falta de espaço.

Animatographos

Olympia — Muito animadas as *Matinees rose* ultimamente realizadas n'esta casa de espectaculos, em que se têm apresentado além de todas as novidades cinematographicas exhibidas no estrangeiro, a fita portugueza *Naufragio do Veronese*.

Salão Central — Um exito colossal alcançaram n'este theatro as fitas *Uma tragedia n'um subterraneo* e *Amores de Cortezã*.

THEATROS

THEATRO NACIONAL — Uma lição de piano



(Scena final)

(Phot. de A. C. Lima)

como quem diz: trezentas representações seguidas ou então a trajectoria da scena ao buraco do ponto, onde se enfiam todos os insucessos. Não tem ido mal os tempos para as revistas do anno, pois raro é a que não vence a tormenta da pateada da primeira noite; e se dissermos ao leitor que a primeira representação do *Alerta* decorreu sem o menor protesto, antes entre ondas de flôres e chuva enorme de applausos, não será difficil prophetisar-lhe uma carreira triumphante, e assim é justo, porque apezar de não apresentar novidade alguma, representa comtudo o esforço de um trabalho honesto, sem recorrer ao *alheio*, com graça propria, pesada sim, mas, inegavelmente com espirito, se não abundante, pelo menos na dose precisa para conservar o espectador sempre preso e attento, o que já é muito.

Além de muitos outros, um atractivo tinha esta *première*: o regresso ao genero da actriz *Angela Pinto*, estrella de primeira grandeza no nosso theatro de declamação, e ahi insubstituivel ao presente. Do que poderá fazer agora em operetta e revista não lh'o diremos. Não seremos os primeiros a atirar-lhe a primeira pedra, não está isso nos nossos usos, outrem o fará em nosso logar, mas apezar de toda a maleabilidade do seu talento, que interpretou tão conscienciosamente a *Rua*, a *Querica* e tantos outros papeis, sentimos uma sau-

Chiado Terrasse — Uma excellente collecção de fitas vae ser exhibida n'este animatographo, devendo chegar brevemente do estrangeiro as ultimas novidades no genero.

Salão Foz — Os espectaculos d'este salão continuam tendo larga affluencia de publico, continuando a ser muito applaudidos os artistas que tomam parte no acto de variedades entre os quaes merecem especial referencia *Emilia Tenito* e *Carton and Way*.

Salão da Trindade — Continuum-se exhibindo as fitas a *Canção da Avó* e *Amor de Mulher*, preparando-se para breve novos *films* que hão-de com certeza causar enorme sensação.

C.

A minh'alma se devora
 Na vida morta e tranquilla...
 Quero sentir emoções,
 Ver o raio que vacila!

ALVARES DE AZEVEDO.

AS MÃES

Nobres mães, que mostraes orgulhosas
os filhinhos n'um gesto sem par,
Alta erguei essas fronteas formosas !

Com Deus mesmo heis-de vos preparar
o porvir que em silencio germina !

Velai, mães pela flôr pequenina,
pois á gloria que a patria illumina
daes a chamma no canto do lar !

Mendes Leal.



(Pintura a oleo do nosso collaborador artistico D. Ramon de Pinillos)